

EPISTEMOLOGIAS E ENSINO DA HISTÓRIA

Coord.

Cláudia Pinto Ribeiro

Helena Vieira

Isabel Barca

Luís Alberto Marques Alves

Maria Helena Pinto

Marília Gago

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Epistemologias e Ensino da História
(XVI Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)

COORDENAÇÃO

Cláudia Pinto Ribeiro
Helena Vieira
Isabel Barca
Luís Alberto Marques Alves
Maria Helena Pinto
Marília Gago

EDIÇÃO: CITCEM

Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN

978-989-8351-74-6

Porto, 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.



AS IDEIAS DE JOVENS ESTUDANTES SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA A PARTIR DO CONFLITO ENTRE EUROPEUS E INDÍGENAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE ALTAN E DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DE JULIERME: INTERCULTURALIDADE E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA BUSCA POR UMA PERSPECTIVA HUMANISTA

MARCELO FRONZA

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH) – UFPR

RESUMO: Esta pesquisa está ligada ao projeto Livros didáticos e como aprender e ensinar a história de conflitos em diferentes espaços e tempos, envolvendo pesquisadores que procuram analisar questões como as perspectivas sobre os conflitos nos livros didáticos da história, geografia, sociologia e filosofia; as relações das crianças e jovens com ideias históricas relacionadas com conflitos em diferentes perspectivas; as ideias dos professores sobre conceitos históricos relacionados ao conflito e as propostas sobre o ensino dos conflitos em situações da sala de aula. Proponho uma investigação sobre a compreensão histórica que os jovens estudantes têm do confronto entre uma narrativa histórica gráfica italiana e um capítulo de um livro didático de história organizado esteticamente e didaticamente como uma história em quadrinhos com temas históricos, o qual foi amplamente utilizado no Brasil em escolas públicas durante os anos 1970 e 1980. Com a preocupação de compreender os processos históricos ligados à relação entre a interculturalidade e o novo humanismo (RÜSEN, 2014), investigo as ideias de jovens estudantes graduandos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso sobre os conflitos entre europeus e indígenas durante a conquista da América, que teve lugar em torno de 1492 e 1550, aparecendo em narrativas históricas gráficas sobre este tema histórico. Defini como público-alvo desta pesquisa um grupo de alunos do terceiro ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

Para fazer isso, produzi um instrumento de investigação com base em critérios metodológicos da pesquisa qualitativa (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE & BOUTIN, 2005). Esse instrumento de investigação contém questões abertas sobre o confronto de dois fragmentos de histó-

rias em quadrinhos que têm a intenção de abordar didaticamente, a partir de critérios historiográficos, o tema do conflito entre europeus e indígenas ocorrido durante a conquista da América (1492-1550). A primeira narrativa histórica gráfica, a versão A, chamada Conquista e colonização da América é um capítulo do livro didático organizado como história em quadrinhos História Geral: História para a escola moderna (CASTRO & ZALLA, 1971) escrito pelo historiador brasileiro Julierme de Abreu e Castro e desenhado pelo cartunista argentino Rodolfo Zalla. A segunda narrativa histórica gráfica apresentada no instrumento de investigação, a versão B, chamada Colombo (ALTAN, 1989), escrita e desenhada pelo cartunista italiano Francesco Tulio Altan, é uma história em quadrinhos que visa a reconstrução do conhecimento histórico por meio de uma contra narrativa orientada por uma consciência histórica crítico-genética e iconoclasta sobre conflitos entre indígenas e europeus durante a conquista da América. Em conclusão, pude verificar que esses jovens estudantes compreendem alguns dos elementos fundamentais desses artefatos da cultura histórica que facilitam muito a apreensão do conhecimento histórico elaborado de forma intersubjetiva e humanista.

PALAVRAS-CHAVE: *Ensino de História, Educação Histórica e Interculturalidade, Histórias em Quadrinhos, Conflitos entre Indígenas e Europeus.*

INTRODUÇÃO

Pesquise as ideias históricas dos estudantes por meio das histórias em quadrinhos a partir da epistemologia da história. Este trabalho é produzido a partir do grupo de professores historiadores ligado ao Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH/UFPR) e faz parte do projeto de pesquisa *Os jovens e as ideias de verdade histórica e intersubjetividade na relação com as narrativas históricas visuais* vinculado ao Grupo Pesquisador Educação Histórica: Didática da História, consciência histórica e narrativas visuais (GPEDUH/UFMT/CNPq).

Inserese no conjunto de pesquisas relativas à linha de investigação ligada à cognição histórica situada (SCHMIDT, 2009, p. 22), que tem como princípios e finalidades a própria ciência da História e servem de embasamento à área de pesquisa da Educação Histórica, um campo de investigação que estuda as ideias históricas dos sujeitos em contextos de escolarização, de tal forma que é estruturada por pesquisas empíricas que dialogam com a teoria da consciência histórica (RÜSEN, 2001, 2012).

Esta investigação está também ligada ao projeto *Livros didáticos e como aprender e ensinar história dos conflitos em diferentes espaços e tempos*, envolvendo pesquisadores que buscam analisar questões como as perspectivas de conflitos em manuais didáticos de história, geografia, sociologia e filosofia; relações de crianças e jovens com ideias históricas relacionadas a conflitos em diferentes perspectivas; ideias de professores acerca de conceitos históricos relacionados a conflitos e propostas de ensino de conflitos em situações de sala de aula.

Entendo a escola é o espaço da experiência social com o conhecimento onde a cultura se manifesta, incluindo aí a cultura juvenil e seus respectivos artefatos da cultura histórica como as histórias em quadrinhos participam de uma estrutura de sentimentos contemporânea (WILLIAMS, 2003; DUBET & MARTUCCELLI, 1998; HOBBSAWM, 1995, SNYDERS, 1988; RÜSEN, 1994, 2007).

Com isso, investigo as ideias históricas de jovens estudantes graduandos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil, sobre os conflitos entre europeus e indígenas durante a conquista da América, que teve lugar em torno de 1492 e 1550, quando confrontados por duas narrativas históricas gráficas sobre este tema histórico. Busco compreender como esses jovens se orientam temporalmente a partir da dimensão sofrimento humano do outro narrado por esses artefatos da cultura histórica.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO ARTEFACTOS DA CULTURA HISTÓRICA DOS JOVENS ESTUDANTES

As histórias em quadrinhos são narrativas históricas visuais que permitem a investigação de como os jovens percebem, interpretam e se orientam e se motivam historicamente no fluxo temporal entre o passado, o presente e as expectativas de futuro. Ao instigar a compreensão histórica dos estudantes, essas narrativas possibilitam que os jovens construam historicamente os seus posicionamentos políticos, estéticos, cognitivos e éticos perante os desafios que enfrentam em sua práxis vital (RÜSEN, 2007).

Dentre as categorias históricas que essa área de investigação pesquisa estão a verdade histórica e intersubjetividade enquanto ideias que estruturam uma função didática da História a partir da narrativa, tendo como fundamento principal a própria epistemologia da História. As narrativas históricas visuais podem fornecer sólidos elementos sobre como se constitui a memória histórica que estrutura a cultura histórica de uma comunidade e qual é o papel da intersubjetividade neste processo.

Como estão relacionadas a verdade histórica e a intersubjetividade, considerando que essas ideias são alguns dos conceitos estruturadores do pensamento histórico?

Para responder a essa questão deve-se levar em consideração que a intersubjetividade e a verdade histórica são pontos de intersecção dos processos mentais instituidores e reveladores da consciência histórica dos jovens estudantes. Entendo que a verdade histórica, enquanto processo de validação, a partir da relação entre as experiências do passado e os modelos referentes à interpretação do fluxo temporal, pode fornecer critérios para uma formação libertadora dos sujeitos que aprendem. A intersubjetividade articula horizontalmente a internalização desses critérios ou pertinências em uma orientação narrativa que leva ao auto-reconhecimento da identidade do próprio jovem em relação ao outro (natureza, outros seres humanos e a si mesmos) no tempo.

Reconhecendo essa relação entre a verdade histórica e a intersubjetividade, é preciso entender como os jovens estudantes tomam o conhecimento histórico para si e como esses sujeitos internalizam esses conceitos constituidores da consciência histórica. Assim, o objeto de investigação, bem com o recorte teórico-metodológico da presente proposta de trabalho está circunscrito e dimensionado pela área de investigação que vem preocupando-se sistematicamente com a constituição de uma Didática da História e sua articulação com as pesquisas que dialogam com a teoria da consciência histórica no campo de pesquisa da Educação Histórica.

É preciso ter em mente que, para os jovens, a História, primeiramente, está dada de modo objetivo, na forma de um “sedimento quase-coisificado” nas condições concretas da vida presente, seja na forma de tradições, seja na memória e nos artefatos da cultura histórica, tais como os monumentos, os filmes, os romances históricos, games, sítios eletrônicos e as histórias em quadrinhos, por exemplo, os quais possuem ou se relacionam com narrativas que dão sentido às suas vidas.

Dessa maneira, é possível dizer que os jovens estão imersos no presente e entendem suas experiências como um modo da vida prática do seu presente. Isto, de modo que a sequência temporal da cronologia ou da linearidade não fornece significado ou sentido de orientação algum, quando estes sujeitos entram em contato com os artefatos da cultura histórica. Mas estes artefatos, na sua relação direta com o jovem — portanto, sem a mediação da sequência temporal abstrata imposta pela cultura escolar contemporânea —, produzem estes significados e sentidos históricos.

Uma das formas de se superar o autoritarismo do ensino de História dominante na cultura escolar seria ordenar o tempo. Mas devo considerar como ordenar a temporalidade sem lançar mão da sequência temporal escolarizada.

Isso se torna possível quando o tempo é temporalizado, isto é, quando uma narrativa fornece ao presente um passado em que os jovens possam aprender sobre sua práxis social. A aprendizagem histórica ocorre quando estes jovens, em um segundo momento, percebem a diferença entre as experiências do passado e as do presente. Segundo Rüsen (2007, p. 109), isto acontece, quando os sujeitos, em contato com as “fontes da tradição”, tais como os artefatos da cultura histórica, percebem o outro como um “estranho” que é narrado, como um personagem relacionado à alteridade do passado. Isso pode gerar o aumento da “capacidade de empatia” nos jovens e a disposição para compreender a “particularidade de sua própria identidade histórica”, que revela sua alteridade em relação aos outros sujeitos, os quais possuem orientações que ele adota ou se confronta no processo de consolidação intersubjetiva de sua identidade.

O autoconhecimento ocorre como um processo de formação e de libertação autocrítica, como uma “chance de reconhecimento do outro”. Nesse sentido, a formação histórica permite a compreensão da liberdade como a superação, por esses jovens, das coerções oriundas dos dados culturais prévios da memória histórica dominante. Assim, ao internalizar, por meio da empatia, a alteridade das experiências do passado antes desconhecida, os jovens situam a si mesmos na salutar multiplicidade dos modos de ser, sentir e viver dos homens em muitos tempos e lugares, “expandindo seu horizonte de autocompreensão para a humanidade” fazendo,

com isso, de sua consciência histórica a forma de pensamento mais profunda de si mesmos (RÜSEN, 2007, p. 106-110).

Compreendo que são os valores presentes nas narrativas históricas que permitem esse auto-reconhecimento nos jovens. Os valores são aqueles elementos morais, políticos, estéticos, cognitivos e ideológicos que possibilitam o envolvimento dos jovens com o passado. Não é uma linha temporal abstrata que faz com que o jovem envolva a sua identidade histórica em formação com o passado de outros seres humanos, mas sim o reconhecimento ético da diferença entre os valores dos outros homens do passado com os valores que os jovens enfrentam na alteridade presente na vida prática contemporânea. É desta maneira, que a continuidade do fluxo temporal entre passado, presente e futuro é compreendida pelo jovem.

Segundo o historiador Estevão de Rezende Martins (2008, p. 16-17) essa relação, no ensino de História, está inscrita no “lugar social” do jovem onde eles “constroem suas experiências históricas”. O ponto de partida do ensino deve estar sustentado nas carências de orientação contemporâneas dos jovens, que devem ser compreendidas tomando como recurso as experiências do passado. O encontro entre o “lugar presente” e o “lugar passado” na experiência dos jovens é fornecido por um tema que “diz respeito a mim (nós)”. A ideia de “diz respeito a” quer dizer que, para os jovens, determinados contextos do passado possuem uma “relação existencial remanescente” com a vida prática no presente. Normalmente, esse “diz respeito a” tem como ponto de partida uma situação do passado que afeta emocionalmente esses sujeitos.

Ocorre, então, um envolvimento com o tema gerado pela reflexão histórica. Passando por esta “identificação inicial”, os jovens teriam que procurar “respostas críticas” na História que possibilitassem ampliação de sua identidade individual ou coletiva. É nesta reflexão crítica, que a intervenção do método histórico tem sua importância para que se superem conclusões subjetivistas e preconceituosas sobre o passado. O “diz respeito a” é, portanto, um passo fundamental para se operacionalizar a consciência histórica pertinente à cultura histórica que envolve os jovens (MARTINS, 2008, p. 17) .

Tendo isso como princípio, neste trabalho proponho uma investigação sobre a compreensão histórica que os jovens estudantes têm do confronto entre uma narrativa histórica gráfica italiana e um capítulo de livro didático de história organizado esteticamente e didaticamente como uma história em quadrinhos, que foi muito utilizado no Brasil, nas escolas públicas, durante as décadas de 1970 e 1980.

Ao entender os processos históricos ligados à relação entre a interculturalidade e o novo humanismo, investigo as ideias de jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública

de Mato Grosso sobre como os conflitos entre os europeus e os indígenas durante a conquista da América, ocorrida por volta de 1492 e 1550, aparecem nas narrativas históricas gráficas sobre essa temática histórica. Em relação às histórias em quadrinhos com temas históricos entendendo, que na investigação histórica, as narrativas devem ser fundamentadas em vestígios ou fontes e interpretações históricas onde é possível inferir o passado.

Partindo da teoria da consciência histórica, podemos afirmar que as histórias em quadrinhos mobilizam dois tipos de ideias históricas nos jovens estudantes: os nomes próprios e as imagens semióforas. Os nomes próprios são conceitos substantivos que dizem respeito aos sujeitos e situações históricas que estão voltados para a estruturação de ideias histórias que fornecem um fio narrativo para a construção de interpretações históricas (RÜSEN, 2007a, p. 93; SOBANSKI et al., 2010, p. 24). Já como portadoras de sentido ou semióforas, as imagens fascinam a consciência histórica. Elas têm uma função importante na produção de interpretações históricas da experiência do tempo e um papel relevante na construção de modelos interpretativos: podem ser princípios que intercomunicam significados e geram sentido na interpretação temporal. As imagens e símbolos e os nomes próprios, interferem na atividade rememorative da consciência histórica, mas não são histórias. Contudo, geram as mesmas.

A função narrativa das imagens e dos nomes próprios se objetiva quanto se tornam marcos para a formação de uma interpretação histórica. Com isso, as imagens ocupam o lugar de uma história. Em outras palavras, são uma abreviação narrativa que fornece sentidos e significados para algum tipo de narração histórica ou elementos para a construção de uma história a partir de evidências (RÜSEN, 1994, p. 9-10). A evidência é uma relação plausível entre uma interpretação histórica e as fontes. As fontes históricas são validadas em relação àquela interpretação histórica. É a evidência que fornece a plausibilidade e a instância de veto desta validade construindo, assim uma compreensão intersubjetiva entre os sujeitos que narram.

A intersubjetividade internaliza, nos estudantes, o processo de constituição da consciência histórica coletiva da humanidade em suas próprias biografias em relação com as dos outros no tempo e no espaço. Os princípios que regem a intersubjetividade são o diálogo e a capacidade de argumentar racionalmente, nos quais os sujeitos narram por meio suas perspectivas históricas reconhecendo como válidas as perspectivas históricas dos outros reconstruindo uma multiperspectividade humanista. Com isso, a validade da identidade histórica do sujeito é intrínseca a sua igualdade em relação à alteridade do outro (RÜSEN, 2012, p. 88-89, 107-108). É da intersubjetividade como princípio que a categoria da interculturalidade ganha sentido.

A interculturalidade parte do princípio do reconhecimento igualitário e humanista da diferença cultural que supera a compreensão etnocêntrica pautada na tolerância cedida, pelo civilizado, ao não civilizado. As lutas pelo reconhecimento estão na base dos conflitos culturais contemporâneos. Contudo, é no campo desses conflitos que as chances de comunicação intercultural se fazem valer, pois as culturas aprendem umas das outras e se modificam no relacionamento mútuo, se interpenetram, delimitam-se umas em relação às outras, combatem-se (RÜSEN, 2014, p. 296).

INVESTIGAÇÃO SOBRE IDEIAS DE JOVENS ESTUDANTES SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA

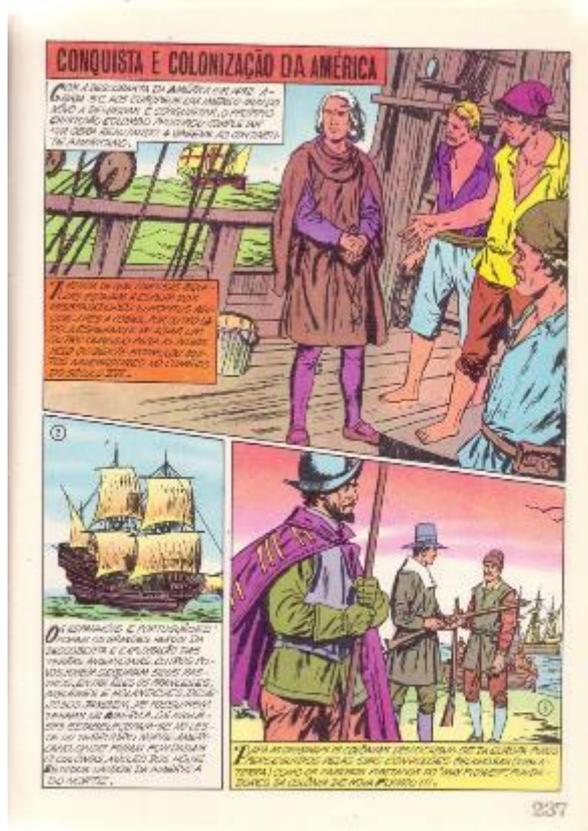
Partindo desse princípio teórico, defini como público alvo dessa pesquisa um grupo de 4 estudantes, com idades de 21 a 30 anos, do terceiro ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Para isso, produzi um instrumento de investigação baseado nos critérios metodológicos da pesquisa qualitativa (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE & BOUTIN, 2005). Os jovens dessa universidade pública foram investigados em 20 de junho de 2016¹⁹.

Esse instrumento de investigação contém questões diretas e abertas relativas ao confronto de fragmentos de cinco páginas de duas histórias em quadrinhos que têm a pretensão de abordar didaticamente, a partir de critérios historiográficos, a temática dos conflitos entre os europeus e os indígenas ocorridos durante a conquista da América (1492 até 1550).

A primeira narrativa histórica gráfica, a versão A, denominada *Conquista e colonização da América* é um capítulo do livro didático organizado como história em quadrinhos *História Geral: história para a escola moderna* (CASTRO & ZALLA, 1971) escrito pelo historiador brasileiro Julierme de Abreu e Castro e desenhado pelo quadrinista argentino Rodolfo Zalla.

¹⁹ A referida turma é composta por 11 estudantes. No entanto só 5 estavam presentes no momento da aplicação do instrumento e uma não entregou até os dias da redação deste artigo. Os nomes são fictícios e baseados em personagens históricos já quadrinizados. Posteriormente, no dia 27 de junho, o restante da turma recebeu o instrumento de investigação, mas ainda não recebi os questionários. A proposta inicial desta investigação seria pesquisar as ideias históricas de estudantes do ensino médio da rede pública de Mato Grosso. Contudo, desde o início de junho de 2016, as escolas públicas estraram em greve devido à tentativa, da parte do governo estadual, de privatização da gestão e dos serviços dos estabelecimentos escolares, o que gerou um movimento de ocupação estudantil desses espaços, além da paralisação dos professores estaduais.

VERSÃO A

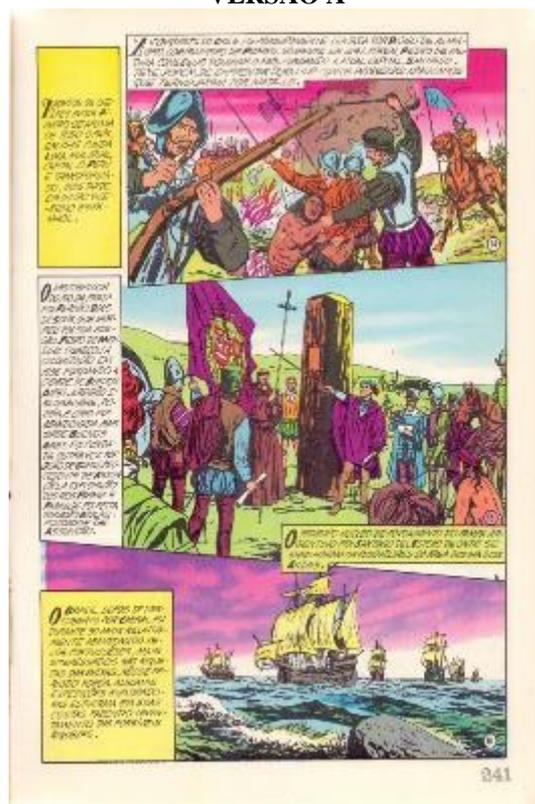


CASTRO, Julierme de Abreu e; ZALLA, Rodolfo. *História Geral: História para a Escola moderna*. São Paulo, IBEP, 1971, p. 237.

Quanto a essa narrativa gráfica, sigo a hipótese inicial de que esta história em quadrinhos em um livro didático pode ser apresentada sob duas formas distintas e talvez contraditórias: 1) como ilustração para determinado conteúdo. Essa forma ilustrativa da imagem no uso das histórias em quadrinhos no livro didático de história pode ou não se relacionar com algum elemento registrado no texto que aborda o conteúdo sobre os conflitos entre os europeus e os indígenas na América. 2) Como documentos ou fontes históricas que problematizam estes conteúdos sobre os conflitos culturais.

Os livros didáticos de Julierme organizados como histórias em quadrinhos apresentam uma concepção de ensino de história na qual a abordagem se relaciona à prática da memorização e da retenção de informações pontuais a partir de uma narrativa quadripartite genérica que se apresenta como uma história total, mas uma história eurocêntrica. Essa concepção de um ensino objetivo está relacionada a uma compreensão da história como conhecimento objetivo tradicional.

VERSÃO A



CASTRO, Julierme de Abreu e; ZALLA, Rodolfo. *História Geral: História para a escola moderna*. São Paulo, IBEP, 1971, p. 241.

O estilo didático dos livros didáticos de História de Julierme, a partir das histórias em quadrinhos de Zalla, dispõe os textos de forma a desviar a atenção do leitor em relação à narrativa histórica tematizada, já que a imobilidade das imagens somadas ao excesso de informação escrita faz valorizar as concepções eurocêntricas em relação aos conflitos entre indígenas e europeus durante a conquista da América. Isto porque estas visões eurocêntricas reconhecem somente as ações dos conquistadores. É perceptível, no entanto, verificar como os elementos estéticos de uma narrativa histórica gráfica, podem, por meio da imagem, potencializar as possibilidades de desenvolvimento do aprendizado histórico, mas ao mesmo tempo, a limitação das características estéticas relativas ao texto pode se contrapor e atenuar ao poder imaginativo das imagens.

Neste livro didático de história organizado como uma história em quadrinhos não foi apresentada nenhuma atividade relativa à orientação temporal sobre os conflitos entre europeus e indígenas durante a conquista da América; aparecem somente exercícios para retenção e memorização de conteúdos históricos. Mesmo com essas limitações históricas e didáticas, o livro

didático de Julierme e os quadrinhos de Zalla marcaram uma geração inteira de estudantes brasileiros.

A orientação temporal é uma categoria vital da epistemologia da História que deve ser trabalhada livros didáticos de História e nas histórias em quadrinhos. Contudo, mesmo que um livro didático de história organizado como história em quadrinhos se apresente sem uma análise aprofundada de sua natureza estética não quer dizer que os jovens que os lêem não desenvolvam uma aprendizagem histórica elaborada.

A segunda narrativa histórica gráfico presente no instrumento de investigação, a versão B, chamada *Colombo* (ALTAN, 1989) escrita e desenhada pelo quadrinista italiano Francesco Tulio Altan é uma história em quadrinhos que busca a reconstrução do conhecimento histórico por meio de uma contra-narrativa pautada em uma consciência histórica crítico-genética e iconoclasta sobre os conflitos entre os indígenas e os europeus no tempo da conquista da América.

VERSÃO B



ALTAN, Francesco Tulio. *Colombo*. Porto Alegre/São Paulo: LP&M Editores, 1989, p. 71.

Essa história em quadrinhos narra o processo de violência sofrida pelos indígenas nos primeiros contatos culturais proporcionados pelas primeiras viagens do explorador europeu

Cristóvão Colombo ao novo continente. A dimensão do sofrimento humano narrada nesta história em quadrinhos pode permitir aos jovens estudantes a expansão da intersubjetividade que é o principal parâmetro para a aprendizagem histórica significativa. Ela diz respeito à ampliação da capacidade de comunicar e articular memórias históricas por meio da formação da identidade dos sujeitos.

VERSÃO B



ALTAN, Francesco Tulio. *Colombo*. Porto Alegre/São Paulo: LP&M Editores, 1989, p. 84.

Seguindo os critérios de Peter Lee (LEE; ASHBY, 2000; LEE, 2006), essas histórias em quadrinhos procuram controlar anacronismos em relação aos sujeitos e às situações do passado representadas.

A partir disso, apresento três perguntas voltadas para respostas diretas e abertas. A primeira é uma questão argumentativa referente às possíveis diferenças entre as versões A e B. Esta questão foi inspirada na teoria de Robert Martin (1993) e nas investigações de Peter Lee (LEE & ASHBY, 2000; LEE, 2006) e de Isabel Barca (2000) e buscava detectar as diferenças nas concepções de verdade que os jovens observaram nas duas histórias em quadrinhos confrontadas. A questão a ser abordada é: *“Você percebe alguma diferença entre as versões A e B? Qual (is)?”*.

A questão referente a se os jovens percebem alguma diferença entre as versões foi respondida positivamente por todos sujeitos investigados. Assim, no quadro 1, os jovens mobilizaram categorias quando justificaram suas respostas a partir das três operações da consciência histórica (RÜSEN, 2001):

Operações mentais	Categorias mobilizadoras
Experiência histórica	<i>Fatos sobre diversos territórios</i>
	<i>Grandes figuras (heróis)</i>
	<i>Situações cotidianas</i>
	<i>Relações</i>
	<i>Encontros</i>
	<i>Etnocentrismo</i>
	<i>Diferenças culturais</i>
Interpretação histórica	<i>Comparação estética realista sobre o passado</i>
	<i>Comparação estética sobre o passado</i>
Orientação histórica	<i>Relação com a interculturalidade</i>

QUADRO 1 – DIFERENÇA ENTRE AS VERSÕES

1. *A experiência histórica*

A operação mental da experiência histórica foi explicitada por todos os jovens investigados nesta questão. Podemos citar dentre as experiências do passado citadas por esses sujeitos os fatos relativos aos diversos territórios narrados na versão A, a desconstrução dos heróis e a dimensão do cotidiano promovidas pela versão B. Também relataram a importância das relações, dos encontros entre indígenas e europeus, e que essas experiências passadas se apresentavam nas diferentes versões em quadrinhos seja de uma forma eurocêntrica, seja a partir das diferenças culturais. É importante notar que essas experiências históricas foram claramente

mobilizadas pelas operações mentais da interpretação histórica, predominantemente pela dimensão estética da cultura histórica (RÜSEN, 1994) e da orientação história a partir do princípio da interculturalidade (RÜSEN, 2014).

2. *A interpretação histórica*

A forma de gerar significação histórica por meio da operação mental da interpretação histórica foi explicitamente abordada por três jovens a partir das seguintes categorias:

1. *Comparação estética realista sobre o passado*

Uma estudante mobilizou essa categoria articulando elementos estéticos e realistas da interpretação histórica.

“Sim. Tendo a versão A uma abordagem mais expositiva referente a fatos sobre diversos territórios e, na versão B, um olhar mais voltado para o humor, não se apegando a nomes de grandes figuras, mas procurando mostrar fatos ‘realistas’ do cotidiano.” (Marjane – 21 anos – Cuiabá).

Marjane, ao compreender que a versão A se propõem a abordar de modo mais expositivo as experiências do passado relativas aos diversos territórios compreendeu bem a estética realista tradicional proposta pelo capítulo *A conquista e colonização da América* escrita por Julierme de Abreu e Castro e desenhada por Rodolfo Zalla. A forma como essa narrativa didática expõe as experiências se dá pela apresentação dos diversos tipos de conquista e colonização que os europeus realizaram na América na forma de um conhecimento objetivo tradicional (BARCA, 2000).

Contudo, Marjane também entendeu que a versão B, a partir dimensão estética do humor, deslegitima as histórias dos grandes heróis da conquista América (“*não se apegando a nomes de grandes figuras*”) em prol da significação histórica de experiências do passado mais realistas pautadas no cotidiano dos sujeitos comuns. Ela compreende que a história em quadrinhos *Colombo*, de Altan é uma contra-narrativa pautada numa consciência histórica crítica em relação às interpretações históricas tradicionais sobre o período.

2. *Comparação estética sobre o passado*

Essa categoria foi mobilizada por dois estudantes quando perguntados sobre as diferenças entre as duas histórias em quadrinhos.

“Sim. Há diferença no estilo literário, no estilo do desenho e na forma como são apresentadas as relações.” (Manolo – 30 anos – Cuiabá).

“Sim. Uma é mais séria e a outra é uma caricatura do encontro” (Miguel – 25 anos – Cuiabá).

A resposta de Manolo se refere a como as relações humanas ocorridas durante a conquista da América apresentam três níveis de interpretação estética. A primeira está no estilo literário de ambas as histórias em quadrinhos; a segunda no estilo do desenho; e a terceira na forma de interpretação das experiências do passado. Esse estudante percebe o estilo didático da versão A de Julierme e o estilo contranarrativo iconoclástico da versão criada por Altan.

Já Miguel também nota que a dimensão estética influencia a forma de interpretação do passado, pois considera a versão A como séria e a versão B como uma caricatura da história do encontro entre europeus e indígenas. Esses estudantes compreendem que a dimensão estética da cultura histórica mobiliza formas diferenciadas de interpretação da realidade passada. Os jovens perceberam que é possível interpretar no histórico, o estético das formas de apresentação (RÜSEN, 1994).

3. *A orientação histórica*

A forma que os jovens orientam o sentido temporal foi revelada em uma das respostas dos estudantes a partir da seguinte categoria:

3.1 Relação com a interculturalidade

A categoria relativa à interculturalidade foi a que mobilizou a forma de orientação temporal percebida por um jovem.

“Sim. [Na versão] A, a insistência no eurocentrismo, e a outra [a versão B] aborda mais as diferenças culturais.” (Jacob – 22 anos – Cuiabá).

Para Jacob a interculturalidade se expressa nas diferentes formas de orientação temporal expressas pelas histórias em quadrinhos. Na versão A, o capítulo didático de Julierme, esse estudante percebe o predomínio de relações etnocêntricas da narrativa gráfica. O que é interessante, é que no confronto com a versão B, de Altan, ele compreende as diferenças culturais são as chaves de leitura para se compreender o encontro entre indígenas e europeus na América e, portanto, reconhece como válidas as perspectivas históricas dos outros reconstruindo uma multiperspectividade humanista (RÜSEN, 2012).

A segunda questão se refere ao reconhecimento de personagens que realmente existiram; essa questão exigiu uma justificativa argumentativa referente a esses personagens. Essa pergunta investigativa foi inspirada nas questões que fiz no estudo exploratório de minha dissertação de mestrado e tese de doutorado (FRONZA, 2007, 2012) e no livro didático inglês *Skill*

in History (SHUTER; CHILD, 1990) e tem como objetivo diagnosticar os conteúdos substantivos e os nomes próprios que os jovens entendem como verdadeiros (RÜSEN, 2007a). A questão a ser abordada é: “A partir das versões A e B, quais as situações do passado que você acha que realmente aconteceram? Por quê?”.

A questão referente a quais situações do passado os jovens consideram que realmente aconteceram levou à redução de dados a partir do no quadro 2, que expressa como esses sujeitos mobilizaram categorias quando justificaram suas respostas a partir das três operações da consciência histórica (RÜSEN, 2001):

Operações mentais	Categorias mobilizadoras
Experiência histórica	<i>Encontro na América</i> <i>Relacionadas aos povos indígenas</i> <i>Relacionadas aos europeus</i> <i>Outras situações do passado</i>
Interpretação histórica	<i>Relação com o método histórico</i>
Orientação histórica	<i>Relação com a aprendizagem histórica</i>
	<i>Relação estética com o passado</i>

QUADRO 2 - AS SITUAÇÕES DO PASSADO QUE REALMENTE ACONTECERAM

4. *A experiência histórica*

Dentre as situações do passado que os estudantes interpretaram como experiências históricas realmente acontecidas posso de o encontro na América, geralmente relacionado entre o contato entre os indígenas e os europeus. É interessante destacar que em dois casos, Miguel e Marjane, a relação dos indígenas com os portugueses foi mais destacada (portugueses e descobrimento do Brasil). Jacob, por sua vez, apresentou outras situações do passado como relevantes. Dentre eles destaca as alianças de Cortez na América, as fundações das cidades espanholas e as guerras e resistências no contato entre indígenas e europeus. É importante destacar que essas experiências do passado são sempre apresentadas de maneira relacional pelos 4 jovens.

Com isso, a validade da identidade histórica do sujeito é considerada por esses estudantes como intrínseca a sua igualdade em relação à alteridade do outro (RÜSEN, 2012, p. 88-89, 107-108).

5. *A interpretação histórica*

A a operação mental da interpretação histórica foi explicitamente abordada por um jovem a partir das seguintes categorias:

1. *Relação com o método histórico*

Essa categoria foi mobilizada por um jovem quando perguntado sobre quais as situações do passado ele considerava verdadeiras:

“As alianças de Cortez na América. As fundações das cidades. As guerras e resistências. São situações podem ter acontecido. É muito discutível. O que realmente importa é como e quais ferramentas, instrumentos, método e teorias o historiador utiliza.” (Jacob – 22 anos – Cuiabá).

Ao começar citando as experiências do passado eles considerava verdadeiras (as alianças de Cortez na América, as fundações das cidades, ambas da versão A; e as guerras e resistências, que predominam na versão B), Jacob defende que são situações do passado que poderiam ter acontecido e que são interpretações discutíveis. Contudo, procura evitar uma relação cética com o passado ao compreender que o método histórico — vinculado às ferramentas de análise, aos instrumentos de investigação, aos métodos e à teoria que os historiadores utilizam — possibilita uma relação de plausibilidade interpretativa com a realidade da história (RÜSEN, 2001).

6. *A orientação histórica*

A forma que os jovens orientam o sentido do tempo para suas identidades foi abordada em três das respostas dos estudantes a partir das seguintes categorias:

6.1. *Relação com a aprendizagem histórica*

A categoria relativa à relação com a aprendizagem histórica foi expressa por um jovem quando perguntado sobre a realidade das situações do passado:

“O encontro que mostra nas duas situações ocorreu. E na versão A aconteceram já situações que aparecem nos quadrinhos, pois me fizeram lembrar o que eu já havia estudado.” (Manolo – 30 anos – Cuiabá).

Manolo considera que as duas histórias em quadrinhos, a de Julierme e Zalla (a versão A) e a de Altan (a versão B) apresentam situações que efetivamente ocorreram no passado. No entanto revela uma preferência pela narrativa gráfica didática *A conquista e a colonização da América* pois ela permite rememorar o que estudou sobre o tema na universidade. A partir desta afirmação posso inferir que mesmo durante a formação acadêmica uma consciência histórica

tradicional-exemplar ainda predomina, pois, os conteúdos em geral, são interpretados de uma a partir de uma visão pautada na linha do tempo quadripartite e numa perspectiva eurocêntrica (RÜSEN, 2014).

6.2. *Relação estética com o passado*

Dois jovens mobilizaram a dimensão estética para se orientar temporalmente quando justificaram as situações do passado:

“A versão A mostra situações que provavelmente tenham acontecido; não certamente como aconteceram, mas de um ponto de vista ultrapassado. E a [versão] B é uma caricatura do que teria acontecido no descobrimento do Brasil” (Miguel – 25 anos – Cuiabá).

Para Miguel, as duas versões em quadrinhos apresentam as experiências do passado de forma diferenciada. Para ele, *A conquista e colonização da América*, de Julierme Castro e Rodolfo Zalla, apresenta situações que provavelmente aconteceram, mas a partir de uma perspectiva tradicional (“ponto de vista ultrapassado”). Já a história em quadrinhos *Colombo*, de Altan apresenta uma forma estética de interpretar o passado, pois a considera uma caricatura sobre o descobrimento do Brasil. Cabe notar aqui a presença de um anacronismo, pois a versão B aborda a conquista da América por Colombo e seus marinheiros e não a experiência do descobrimento do Brasil. Talvez Miguel tenha se confundido com uma das experiências do passado representadas na versão a, pois lá sim essa situação foi narrada.

“A versão B, pois ainda que seja mais voltada para o humor usa do sarcasmo para destacar a forma com que os povos [indígenas] foram explorados, suas ‘resistências’, assim como a forma com que os portugueses lidavam com os povos nativos.” (Marjane – 21 anos – Cuiabá).

Já Marjane valoriza a dimensão estética presente na narrativa histórica gráfica *Colombo*, ao destacar que humor e o sarcasmo presentes nesse artefato da cultura histórica permitem compreender a forma como os indígenas foram explorados pelos europeus e também apresenta suas resistências em relação ao processo de dominação europeu. Também destaca, nesse momento a violência praticada pelos portugueses quando se relacionavam com os indígenas (“povos nativos”). Aqui essa estudante revela o poder semióforo das histórias em quadrinhos, pois suas imagens são portadoras de sentido e são uma abreviação narrativa que fornece sentidos e significados para algum tipo de narração histórica ou elementos para a construção de uma história a partir de evidências (RÜSEN, 1994, p. 9-10).

A terceira questão argumentativa busca compreender as ideias históricas que esses jovens estudantes operam quando quando confrontam o princípio da interculturalidade. A questão foi

fundamentada na teoria do novo humanismo vinculada aos conceitos de intersubjetividade e interculturalidade (RÜSEN, 2014, 2015). Com ela busco compreender se os jovens graduandos de Cuiabá entendem ou não se os conflitos são chances de comunicação intercultural que se fazem valer. Portanto a questão é: “*Considerando as narrativas das versões A e B, como você compreende que devem ser as relações com os indígenas do Brasil e da América? Por quê?*”.

A questão a como os jovens compreendem que devam ser com os indígenas no Brasil e na América, a partir das narrativas de Julierme Castro (versão A) e Altan (versão B) levou à redução de dados a partir do no quadro 3, que expressa como esses sujeitos mobilizaram categorias quando justificaram suas respostas a partir dos dois princípios relativos ao novo humanismo de Rösen (RÜSEN, 2012, 2014):

Operações mentais	Categorias mobilizadoras
Experiência histórica	<i>Relações do passado com o presente</i>
Interculturalidade	<i>Relações de exploração</i>
	<i>Relações de respeito</i>

QUADRO 3 – DIFERENÇA ENTRE AS VERSÕES

7. *A experiência histórica*

A forma como a contingência do passado se expressa pela experiência histórica foi expressa a partir de uma categoria.

1. *Relações do passado com o presente*

Um jovem expressou o princípio da experiência histórica quando perguntado sobre como deveria ser as relações com os indígenas no Brasil e na América.

“Devem ser analisadas e compreendidas a partir de uma visão do período e contrapor essas relações com o presente” (Jacob – 22 anos – Cuiabá).

A experiência histórica é o um princípio humanista que permite compreender as diferenças entre o antes e o depois a partir da contingência histórica. Para Jacob as relações com os indígenas devem ser vistas em sua perspectiva experiencial, pois devem ser compreendidas por meio das perspectivas do período, e destacada essa diferença temporal, confrontar com as contextualizações históricas do presente. A contingência histórica exprime uma compreensão sobre a dimensão do sofrimento humano, que será abordada na categoria seguinte (RÜSEN, 2012).

8. *A interculturalidade*

O princípio da interculturalidade enquanto compreensão empática em relação ao outro se revelou presente em duas categorias;

1. *Relações de exploração*

Dois jovens expressaram se por meio da categoria ligada às relações de exploração nas relações com os indígenas no Brasil e na América.

“Uma relação de exploração. Porque os indígenas foram explorados e exterminados” (Miguel – 25 anos – Cuiabá).

“A relação apresentada na versão A se coloca por confrontos diretos, dominação e a escravidão imediata, tendo pressão da parte dos colonizadores. Na versão B, uma abordagem mais ‘relaxada’ tanto da parte dos nativos quanto pelos próprios portugueses.” (Marjane – 21 anos – Cuiabá).

Para Miguel o que marcou as relações entre os europeus e brasileiros com os indígenas foram as relações de exploração por meio da dominação e do extermínio desses sujeitos. Também Marjane compreende que as histórias em quadrinhos permitem entrever os conflitos e as disposições humanas. A dimensão do sofrimento humano é o elemento que marca as relações entre indígenas e europeus. Para ela, em *A conquista e colonização da América*, de Julierme de Castro e Rodolfo Zalla, os confrontos diretos, a dominação e a escravidão são formas etnocêntricas de dominação dos indígenas. Na versão de Altan, *Colombo*, ela aponta para uma visão mais “relaxada” dos povos indígenas e dos portugueses nas suas relações. Para ela, as lutas pelo reconhecimento sustentam conflitos culturais contemporâneos (RÜSEN, 2014).

2. *Relações de respeito*

Um jovem expressou-se por meio desta categoria ao entender o reconhecimento entre os sujeitos como a base das relações com os indígenas.

“As relações com os indígenas devem ser as mais comuns possíveis, pois são pessoas como nós, os não índios, respeitando a diversidade cultural de cada um.” (Manolo – 30 anos – Cuiabá).

Para Manolo, as relações com os povos indígenas devem ser comuns, pois o que rege a compreensão deste jovem é o princípio da humanidade e da reciprocidade entre os sujeitos. Isto porque, para ele, os indígenas “são pessoas como nós”, o que levam ao reconhecimento das diversas perspectivas tem uma em relação à outra. Nesse sentido, Manolo compreende que intersubjetividade internaliza, nos estudantes, o princípio da humanidade em suas próprias biografias em relação com as dos outros no tempo e no espaço (RÜSEN, 2012). Entende como possíveis as chances de comunicação intercultural, pois as culturas aprendem umas das outras

e se modificam no relacionamento mútuo, se interpenetram, delimitam-se umas em relação às outras, combatem-se (RÜSEN, 2014, p. 296).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, é possível verificar se estes jovens estudantes entendem, a partir do confronto narrativos dessas interpretações históricas quadrinizadas, que alguns dos elementos fundamentais desses artefatos da cultura histórica, como o humor e sua estrutura narrativa, por exemplo, facilitam muito a apreensão do conhecimento histórico elaborado de um modo intersubjetivo e humanista.

Considerando que as experiências investigativas explicitadas buscam seguir como critério os princípios de uma cognição histórica situada na epistemologia da História e na teoria da consciência histórica que demarcam parâmetros para a construção da interculturalidade nos processos de formação docente em História, aponto a título de conclusão algumas breves reflexões sobre esse tema.

Ainda não é possível apresentar algum resultado sólido sobre investigações realizadas pelos estudantes pibidianos de História no Mato Grosso. Mas uma constatação já é possível: os estudantes em formação na universidade percebem que a multiplicidade das experiências do passado pode ser internalizada por meio dos testemunhos fornecidos pelas evidências construídas a partir de fontes como histórias em quadrinhos, seriados, filmes, músicas que dizem respeito aos sujeitos envolvidos. Portanto, perceberam que a operação da experiência histórica mobiliza o autoconhecimento que constitui a identidade histórica dos jovens.

Verificou-se que as operações mentais da consciência histórica expressam sim as diferentes formas de abordagem em relação à multiperspectividade das experiências históricas, à controvérsia das interpretações e à pluralidade de formas de orientação de sentido no tempo que constituem as relações intersubjetivas e interculturais no processo de formação histórica da humanidade na qual a iniciação docente está intimamente ligada. E isso vale para o processo de formação docente. Essa consciência possibilita, sim, a construção de critérios humanistas e intersubjetivos que forneçam princípios para a formação de uma identidade histórica baseada na interculturalidade, ou seja, no reconhecimento mútuo das diferenças regidas por uma alteridade igualitária.

BIBLIOGRAFIA

- ALTAN, Francesco Tulio. (1989). *Colombo*. Porto Alegre/São Paulo: LP&M Editores.
- BARCA, Isabel. (2000). *O pensamento histórico dos jovens: idéias dos adolescentes acerca da provisoriade da explicação histórica*. Braga: Universidade do Minho.
- CASTRO, Julierme de Abreu; ZALLA, Rodolfo. (1971). *História Geral – História para a Escola Moderna*. São Paulo: IBEP.
- DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. (1998). *En la escuela: Sociología de la experiencia escolar*. Buenos Aires: Editorial Losada.
- FRONZA, Marcelo. (17 mai. 2007). *O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. Curitiba, (Dissertação de Mestrado em Educação – UFPR).
- FRONZA, Marcelo. (2007). *O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. 2007, 170p. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- _____. (2012). *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. 2012, 465p. (Tese de Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEE, Peter; ASHBY, Rosalyn. (2000). “Progression in historical understanding among students ages 7-14”. In: STEARNS, Peter N.; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (eds.). *Knowing, teaching and learning History: national and international perspectives*. New York: New York University Press, p. 199-222.
- LEE, Peter. (2006). “Understanding History”. In: SEIXAS, Peter (ed.). *Theorizing historical consciousness*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. (2005). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MARTINS, Estevão de Rezende. (jun. 2008). A exemplaridade da História: prática e vivência do ensino. In: *Anais III Colóquio Nacional de História e Historiografia no Vale de Iguaçu*. União da Vitória: Revista do Colegiado de História da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIUV). V. 1, n. 1, p. 13-21.

RÜSEN, Jörn. (1994). “¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia.” *Cultura histórica*, 1994. [Versión castellana inédita del texto original alemán en K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rüsen, eds.. *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, pp. 3-26]. Disponível em: <http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010.

_____. (2001). *A razão histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB.

_____. (2007). *História viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB.

_____. (2007a). *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: UnB.

_____. (2012). *Aprendizagem histórica: Fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A. Editores.

_____. (2014). *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes.

_____. (2015). “Formando a consciência histórica – para uma didática humanista da história.” In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd (orgs.). *Humanismo e didática da história (Jörn Rüsen)*. Curitiba: W. A. Editores, p. 19-42.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. (2009). “Cognição histórica situada: que aprendizagem é esta?” In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Aprender História: perspectivas da Educação Histórica*. Ijuí: Unijuí, p. 21-50.

SHUTER, Paul; CHILD, John. (1990). *Skills in History: Book 1: Changes*. Londres: Heinemann Educational Books.

SNYDERS, Georges. (1988). *Alegria na escola*. São Paulo: Manole.

SOBANSKI, Adriane de Quadros et al. (2010). *Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções*. Curitiba: Editora Base.

WILLIAMS, Raymond. (2003). *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión.